

O VERBO NA GRAMÁTICA HEBRAICA E A GLOBALIZAÇÃO

THE VERB IN HEBREW GRAMMAR AND GLOBALIZATION

Daniela Susana Segre Guertzenstein*

Resumo

Este artigo analisa a ordem da sequência dos substantivos, adjetivos e verbos (ações) em versículos em hebraico bíblico, sentenças do hebraico da região de Judá (século II da era comum) e em frases em árabe, hebraico medieval, ídiche e hebraico moderno, redigidas da direita para a esquerda, em confronto com a escrita da esquerda para a direita do idioma grego, das línguas românicas e do inglês. A abordagem nos permite perceber a ocidentalização do idioma hebraico, e tem o objetivo de apresentar a ação na hierarquia cognitiva na ordem do pensamento em diferentes culturas e sociedades.

Palavras-chave: Língua hebraica, Cultura judaica, Linguística, Judaísmo, Globalização.

Abstract

This article analyzes the order of the sequence of nouns, adjectives and verbs (actions) in verses of the Hebrew Bible, in sentences of the Hebrew from the Judah region (second century of the common era) and in Arabic phrases, in medieval Hebrew, in Yiddish and in modern Hebrew, written from right-to-left, instead of left-to-right as Greek, Romance languages and English. This approach allows us to realize the Westernization of the Hebrew language and it aims to show the action over cognitive hierarchical order of thinking in different cultures and societies.

Keywords: Hebrew language, Jewish culture, Linguistics, Judaism, Globalization.

* Programa Nacional de Pós Doutorado/CAPES – Departamento de Sociologia – FFLCH, USP.

Introdução

Os pergaminhos do Mar Morto encontrados na década de 1950, após a fundação do Estado de Israel, de grafia semelhante às letras hebraicas modernas, são cientificamente avaliados como manuscritos do século I da era comum. Segundo a tradição judaica, os manuscritos escritos por Moisés, pelos profetas e de escrituras posteriores foram compilados e editados pelo escriba Ezras (século V antes da era comum), utilizando as técnicas de redação outorgadas pelo Grande Sinédrio. Esses textos, então, foram canonizados e, com suas técnicas de compilação, foram consagrados, determinando a Tradição Escrita do povo judeu, transmitida até os massoretas de Tiberíades, Nehardea, Sura e Pumbedita (século VI da era comum), chegando à atualidade.

As Seis Ordens (tratados) de Leis Oraís – que segundo a tradição judaica foram transmitidas oralmente de Moisés para Josué, de Josué aos anciões, dos anciões aos profetas e destes ao Grande Sinédrio – foram continuadas pelos líderes fariseus. Tais assuntos, a pedido do Príncipe de Judá, passaram a ser oficialmente editados em hebraico pelos eruditos judeus *tanaitas* no século II da era comum, na região da Judeia, constituindo a *Mishná*. Estudos sobre esses textos foram redigidos nos séculos seguintes em aramaico pelos eruditos judeus *amoraitas* e *savoraitas* compondo a *Guemará*, a qual resultou na formação do *Talmude de Jerusalém* e do *Talmude Babilônico*. O desenvolvimento desses textos e tradições forma a extensa literatura rabínica que representa a Tradição Oral da doutrina judaica.

No século IX da era comum, linguistas hebraístas, exegetas e poetas judeus voltaram a escrever em hebraico. O progresso concomitante do idioma, da cultura e da sociedade árabe influenciou uma extensa produção e publicação de poesias, textos de vários gêneros e estudos gramaticais hebraicos nos países árabes na Idade Média.

A dispersão dos judeus e a formação dos dialetos desenvolvidos pelas suas migrações através da Turquia, do Peloponeso e da Península Itálica à Europa formaram variantes de dialetos ídiche, porém a análise das diferenças entre estes ultrapassa o objetivo deste artigo.

Contudo vale esclarecer que as semelhanças e desigualdades entre os ídiches alemão, polonês, lituano, romeno, russo e assim por diante podem ser comparadas às diferenças entre os dialetos de origem latina na Península Itálica até a unificação da Itália por Giuseppe Garibaldi (1807-1882) e o estabelecimento do italiano como idioma nacional. Outra analogia, em escala global, são as diferenças entre o português, inglês, espanhol e francês em um

mesmo país, e entre os idiomas no continente europeu e seus desenvolvimentos nos continentes americano, africano e asiático.

Nesse contexto, foram selecionadas frases em ídiche de um livro para seu aprendizado sem mestre em inglês, traduzido para o português. O idioma é conhecido pelos seus locutores judeus como língua materna, enquanto o hebraico é, para eles, uma língua sacra ou sionista. O livro de Sheva Zucker, traduzido por Genni Blank (ZUCKER, 2008) é uma fonte acessível e fácil para os interessados no idioma e em sua cultura apátrida e transnacional.

Se a análise de um determinado discurso pode ser interpretada como o desencadeamento espontâneo da metodologia e do conhecimento de seu autor, os estudos interdisciplinares e diálogos entre religiões enriquecem paradigmas e ampliam óticas e abordagens. Assim, a apropriação, em outras pesquisas, de elementos do recorte aqui apresentado exige que sejam analisados na fonte da qual foram extraídos.

O hebraico moderno, o hebraico medieval e o hebraico da Judeia são desenvolvimentos do idioma dos textos bíblicos hebraicos. Neste artigo, o hebraico moderno é usado como referência para explicar o hebraico bíblico. Escolheu-se o hebraico moderno porque descende da Bíblia Hebraica, enquanto as diferentes vertentes de aramaico desenvolveram alfabetos distintos, ou apropriaram-se do alfabeto árabe e se desatrelaram, com o tempo, das escrituras hebraicas. Apesar de o hebraico e o árabe apresentarem uma origem em comum, o desenvolvimento do idioma e da cultura árabe medieval e moderna está diretamente subordinado ao Corão.

O objetivo deste artigo se restringe a explicar alguns elementos lexicais e comparar a colocação do verbo e do sujeito em diferentes idiomas. O direcionamento da escrita de cada um dos idiomas é indiferente na medida em que a análise se atém a comparar a ordem da leitura do sujeito (substantivo próprio, substantivo simples ou composto, pronome pessoal reto) e de sua ação em um período, e de apresentar alguns exemplos sobre os adjetivos nos idiomas.

Hebraico Bíblico, Hebraico da Judeia, Hebraico Medieval, Ídiche e Hebraico Moderno

As escrituras que constituem a Bíblia Hebraica não seguem uma gramática constante e homogênea. Sentenças e narrativas de um mesmo tópico estão escritas de maneiras diferentes em um mesmo trecho bíblico. Por exemplo, existem duas narrativas sobre a criação da mulher

em Gênesis. Linguistas não associados à doutrina do judaísmo dividem os textos bíblicos hebraicos em *elohistas* e *javistas* (tetragrama), diferenciados quando o nome divino aparece na primeira forma e quando aparece na segunda. As escrituras hebraicas são um vasto complexo redigido em hebraico bíblico e finalizado em aramaico (século V antes da era comum). As classificações de textos e idiomas sob contextos religiosos e pretextos teológicos geram inúmeras controvérsias.

O idioma bíblico hebraico é denominado “idioma sagrado” (judaísmo) e “aramaico bíblico” em alguns estudos bíblicos cristãos. Tal diferença não é significativa enquanto esta pesquisa se limita a analisar a ordem sintática nas frases.

Muitos versículos do hebraico bíblico são iniciados pela ação seguida pelo substantivo próprio, simples ou composto, representando o sujeito. No entanto, a norma de o verbo anteceder o sujeito não é válida quando o sujeito é um pronome pessoal reto. Existem diferenças entre traduções da Bíblia Hebraica para o grego: a Septuaginta (século II antes da era comum), acredita-se, zela pela tradução do conteúdo, enquanto a tradução de Símaco (século II da era comum) demonstra preocupação com a elegância do estilo do idioma grego. Cada tradução aparece como uma nova e instigante obra, na qual seu tradutor é coautor e as transformações dos contextos idiomáticos refletem novos significados que revelam o momento, o lugar e a linguagem da sociedade na qual foi criada.

As traduções bíblicas de Jerônimo, James e Lutero, entre outras, são um patrimônio cultural inestimável que manifesta os fundamentos das doutrinas cristãs pelas quais foram geradas. As traduções interlineares do texto bíblico hebraico e português do livro *Antigo Testamento*, de Edson de Faria Francisco, são úteis para que o leitor brasileiro possa ser levado a constatar a ordem das palavras no versículo original em hebraico (FRANCISCO, 2012). A obra é de grande auxílio, mesmo que, por exemplo, preposições e conjunções do hebraico tenham sido alteradas na tradução para resultar na relação semântica portuguesa correta.

A antecedência da ação ao substantivo e a ordem original das palavras no hebraico bíblico também são mantidas em outras traduções:

א בראשית, ברא אלהים, את השמים, ואת הארץ. **ב** והארץ, הייתה תהו ובהו, וחשך, על-פני תהום; ורוח אלהים, מרחפת על-פני המים. **ג** ויאמר אלהים, יהי אור; ויהי-אור. **ד** וירא אלהים את-האור, כי-טוב; ויבדל אלהים, בין האור ובין החשך. **ה** ויקרא אלהים לאור יום, ולחשך קרא לילה; ויהי-ערב ויהי-בקר, יום אחד.

Transliteração: 1) **Berechit**, *bará Elohim, et hachamaim, ve'et ha'arets*. 2) *Veha'arets, haietah tohu vavohu, vehocheh, al-peney tehom; veruah Elohim, merahefet al-peney hamaim*, 3) *Vaiomer Elohim, yehi-or; vaiehi-or*. 4) *Vaiar Elohim et-haor, ki-tov; vaiaydel Elohim, bein haor uvein hahocheh*. 5) *Vaikra Elohim laor iom, velahocheh kara laila; vaiehi-erev vaiehi-voker, iom ehad*.

Tradução: 1) **Noprincipio criou** Deus [] oscéus e[] aterra. 2) Eaterra era vã evazia, e(havia)escuridão sobre-(a)face (do)abismo, e(o)espírito (de) Deus, (se)movia sobre-(a)face das águas, 3) **Edisse** Deus, **seja-luz; efoi-luz**. 4) **Eviu** Deus que-aluz, [] (era) boa; **eseparou** Deus entre aluz eentre aescuridão. 5) **Echamou** Deus àluz, dia, e àescuridão chamou noite; **efoi** tarde **efoi** manhã, dia um.¹

Os trechos acima apresentam os cinco primeiros versículos da Bíblia Hebraica, sua transliteração e tradução. O texto hebraico e a transliteração têm pontos e vírgulas nos mesmos lugares para facilitar a leitura do hebraico. Como a pontuação não faz parte do texto original manuscrito hebraico, ela é diferente na tradução escolhida, que visa a facilitar a leitura da tradução em português.

O número de palavras diverge entre o texto hebraico e a tradução em português. A conjunção aditiva e o artigo definido se tornam prefixos do substantivo, por exemplo: “*eater*”. Caso o substantivo simples seja acompanhado por uma palavra que o defina (adjetivo), as duas palavras do sujeito composto recebem o artigo definido “*há*” (som similar nos dois idiomas) como prefixo. Quando o sujeito em hebraico é composto por dois substantivos simples, coloca-se o artigo como prefixo da segunda palavra, como é o caso de “escola”, que em hebraico é “*Bet Sêfer*” – tradução literal “Casa Livro”. Deve-se traduzir para o hebraico como *Bet HaSêfer*, pois no idioma não se coloca artigo em substantivo próprio.

Em hebraico: “para”, “que”, “em” e (no/a), “de” (do/a) assim como a conjunção aditiva também consiste em prefixos da palavra que a segue, por exemplo: 5) “chamou Deus à luz”, equivalente a “*Vaikra Elohim laor iom*”; “à luz” é “*laor*” (literalmente “**paraluz**”). Respeitando as relações semânticas do português, a tradução deve ser “à luz”.

A divisão dos trechos bíblicos em versículos é do século XII da era comum e não se encontra nos manuscritos hebraicos. Quanto aos verbos, deve-se notar que a colocação do

¹ Para facilitar a comparação entre os idiomas, os textos em negrito e sublinhado são equivalentes no hebraico, na transliteração e na tradução. As palavras redigidas unidas foram escritas dessa forma para demonstrar que se contraem em uma só palavra no texto hebraico. O texto sublinhado ressalta a localização do verbo no início do versículo. As palavras entre parênteses foram adicionadas para que o texto traduzido para português possa ser devidamente entendido. Os espaços vazios entre chaves, finalmente, são preposições do hebraico que no contexto em que se encontram não têm equivalentes em português.

verbo (ação) ocorre antes do substantivo: Criou Deus; e disse Deus; seja luz; e foi luz; e viu Deus, etc.

“Verbalizar”, em português, significa codificar o pensamento fazendo uso de palavras. O Evangelho de João, em traduções para o português, inicia-se com a sentença “o verbo se fez carne”. Este artigo apresenta o verbo hebraico no contexto de uma palavra que representa uma ação, e não tem como objetivo examiná-lo na teoria criacionista e em contextos doutrinários religiosos.

O verbo “ser” no presente não existe no hebraico. Os verbos hebraicos podem ser divididos entre ações ativas, passivas e independentes. O hebraico moderno reconhece três formas para a raiz de um verbo (letras que representam uma ação): ativa, passiva e autônoma.

As sete formas do verbo (três ativas, três passivas e uma autônoma) são conjugadas no passado, presente e futuro. Os pronomes pessoais retos se tornam prefixos da raiz do verbo no futuro e sufixos da raiz do verbo no passado. Em português, o mesmo verbo também pode ter uma forma ativa e uma passiva. Por exemplo: diz/dito; dar/dado. No português, o pronome pessoal reto torna-se sufixo do verbo quando conjugado: Entendestes (tu); Entendeu (3ª pessoa).

Na Bíblia Hebraica, o pronome antecede a ação, como se encontra na tradução de Melamed do texto em Gênesis 48:22: “**E Eu te dei** uma parte a mais sobre teus irmãos, que tomei de mão de Emoreu com minha espada e com meu arco” (MELAMED, 2001, p. 143).

A ação na Bíblia Hebraica, de um modo geral, antecede o substantivo. No entanto, nos primeiros versículos, em “o espírito de Deus se movia”, e também em outros versículos bíblicos hebraicos, o substantivo precede sua ação. O versículo (Gênesis 48:22) mostra que o pronome pessoal reto antecede o verbo de sua ação. Contudo, a norma na Bíblia Hebraica é que a ação preceda o sujeito (substantivo), e, se surge antes de sua ação, toma proporção de destaque.

Já no hebraico da região da Judeia do século II da era comum o substantivo precede a ação:

מאימתי קורין את שמע בערבית? משעה שהכהנים נכנסים לאכול בתרומתן, עד סוף האשמורה הראשונה, דברי רבי אליעזר. וחכמים אומרים: עד הצות. רבן גמליאל אומר: עד שיעלה עמוד השחר.

Transliteração: *Meeimatai corin et chemá bearvit? mechaa chehacohanim nihnassin leehol betrumatan, ad sof ha'achmura ha'richona, divrei rabi*

Eliezer. Vehahamim omrim: ad hatsot. Raban Gamliel omer: ad cheiale amud hachahar.

Tradução: “Desdequando lê o *chemá* nanoite?...”
Na tradução de Presman para o português consta:

A partir de que momento pode-se recitar o *Chemá* ao anoitecer? A partir do momento que os cohanim se recolhem para comer a sua *terumá*, até o fim da primeira vigília. Estas são as palavras de Rabi Eliezer. Os sábios dizem: até a metade da noite. Rabi Gamliel diz: até o alvorecer (PRESMAN, 2013, p. 30).²

Por exemplo, a palavra “recitar” foi escolhida para traduzir o verbo que significa “ler” em português visto que na tradição judaica ensina-se que o texto da reza, o *Chemá*, deve ser pronunciado quando lido. Assim também ocorre com a palavra “*Nihnassim*”, que significa “entram” (do verbo “entrar”), e não “recolhem”, com a intenção de mostrar que os sacerdotes distribuídos pelo templo entravam em um recinto para se alimentar. Aliás, a palavra “*trumá*”, que significa “contribuição” em português, foi transliterada em vez de traduzida.

O texto apresentado são as primeiras linhas do Tratado *Bra’hot* (Benções) da Ordem *Zeraim* (Sementes) da *Michná*. O Tratado de *Bra’hot* é o primeiro tratado da *Michná*. As escrituras bíblicas hebraicas foram canonizadas e têm exatamente o mesmo texto em todas as várias edições da *Michná*. Nas versões próximas ao aramaico, a conjugação do verbo para um pronome reto masculino plural no presente termina com *in*. Nas edições mais próximas ao hebraico, o mesmo verbo termina com o som plural *im*, mas a ordem das palavras não é alterada.

O pronome pessoal em hebraico, nesse caso, encontra-se, então, oculto antes do verbo. A tradução apresentada torna o verbo “ler” passivo porque não está definido qual pronome pessoal plural masculino é o sujeito oculto.

O hebraico medieval surgiu no século IX da era comum e continua até quando seus locutores passam a assimilar o hebraico nacional israelense. Nos volumes em hebraico medieval de Maimônides (Moisés Ben Maimon, 1135 ou 1138-1204), da extensa obra *Michné Torá*, a ordem sintática verbal é semelhante à do hebraico do século II da era comum. Durante

² Os textos sublinhados são um substantivo seguido por um verbo. Portanto, na sentença, o sujeito se encontra antes do verbo que causa. A tradução de Presman zela pelo sentido com o objetivo de facilitar estudos sobre o desenvolvimento das leis e das tradições do judaísmo sem adentrar em análises fenomenológicas linguísticas. A hermenêutica rabínica redundante em interpretações e reinterpretções, análises com perspectivas e métodos diferentes de textos e contextos nas narrativas da Bíblia Hebraica, e não nos textos judaicos posteriores.

os séculos IX e XII foram redigidos vários livros de literatura rabínica no idioma árabe utilizando o alfabeto hebraico. O próprio Maimônides escreveu livros em árabe, como o *Sêfer HaMitsvot* (1990), que foi posteriormente traduzido para o hebraico.

Maimônides escreveu uma extensa obra enumerando e explicando as leis bíblicas hebraicas e as leis da tradição oral. Os livros de Maimônides não são poéticos; são volumes de teologia e conhecimentos redigidos com linguagem semelhante aos textos científicos de sua época.

Na primeira linha do texto do livro que inicia o *Sêfer HaRichon vehu Sêfer HaMadá* (Livro do Conhecimento) – *Halachot Iesodei HaTorá*, que é o primeiro volume do compêndio *Michnê Torá* (2001), de Maimônides, está escrito:

1) יסוד היסודות ועמוד החכמות לידע שיש שם מצאוי ראשון והוא ממציא כל הנמצא. וכל הנמצאים לא נמצאו אלא מאמיתת המצאו.

Transliteração: 1) *Iesod haiesodot veamud hahohmot laieda **cheiech** *cham matsui richon vehu mamtsi kol hanimtsá. vehol hanimtsaim lo nimtseu êla meamitat hamatsu**

Tradução *ipsis litteris* (as mesmas palavras): Fundamento dos fundamentos epilar dass abedorias **conhecer** quetem lá **existente** primeiro eele **faz-existir** toda a **existência**. etodos **osexistentes** não **existem** senão (*êla* = a não ser) da verdade **a** **existência**.³

O verbo “*limtsoa*”, em hebraico, significa “encontrar”. A palavra “*matsui*” equivale a “achado” (causas na natureza) e “*lehamtsi*” é usado com o significado de “inventar”. A palavra *matsui* representa elementos encontrados na natureza. Esta frase foi apresentada para que se perceba um pouco da Idade Média quanto ao apuramento de sua linguagem hebraica e em relação ao desenvolvimento teológico de uma obra que se reconhece como fundamento e pilar das sabedorias.

O parágrafo ecoa desdobramentos do conceito de “existir”: significa que a “existência” (criação/universo) e os “existentes” (seres existentes) só de verdade “existem” se algo “lá” (!) os “faz-existir”. “Lá”, nesse contexto, simboliza além da existência, concluindo que lá, antes de todos os seres existentes, existe algo (teológico) que fez e faz que tudo exista.

³ O negrito e o texto sublinhado das letras e palavras no hebraico, na transliteração e na tradução, são equivalentes. A palavra conhecimento está grifada em itálico porque este é o tema do livro, e os artigos contraídos como preposições também estão grifados, facilitando a comparação entre o original, a transliteração e a tradução.

A palavra “*iech*” significa “há” em hebraico, e a palavra “*ein*” é o seu antônimo. O texto hebraico em português foi elaborado para que se possam notar algumas desigualdades na conjugação das palavras e na concordância entre elas em idiomas diferentes. Os verbos não se encontram na mesma ordem que nas escrituras hebraicas bíblicas, antes dos substantivos. No idioma hebraico da Judeia e no hebraico medieval, os verbos se encontram após os substantivos, como em outros idiomas ocidentais.

O ídiche é conhecido por ter se formado por volta do século IX da era comum na Alemanha Setentrional, e os primeiros textos no idioma são do século XII. O ídiche usa o alfabeto hebraico, contudo, as consoantes hebraicas “*alef*”, “*ayn*” e “*yud*” são lidas como as vogais “a”, “e” e “i” do português, mas a consoante hebraica “*alef*” com pontuação de vogal hebraica *komots* abaixo dela é lida como a vogal “o”. A consoante hebraica “*vov*” é lida como a vogal “u”.

A ordem entre o substantivo e a ação no ídiche é diferente do hebraico bíblico. O verbo, geralmente, aparece na mesma colocação que no hebraico da região da Judeia no século II da era comum, semelhante ao aramaico dos textos judaicos posteriores, ao hebraico medieval, ao grego e ao latim.

(ZUCKER, דער לערער האָט דאָס בוך. 2) דער לערער האָט נישט (ש) בוך. 1) (2008, p. 90)

Transliteração: 1) *Der lerer hot dos buk.* 2) *Der lerer hot nicht buk.*

Tradução: 1) O professor tem o livro. 2) O professor tem não o livro.

O artigo “o”, em português, e “*der*”, em ídiche, equivalem a “*the*”, em inglês. “*Tem*”, em português, e “*hot*”, em ídiche, equivalem a “*has*”, em inglês. A estrutura do ídiche assemelha-se à de idiomas anglo-saxônicos, e incorpora muitas palavras e expressões idiomáticas de origem hebraica. “*Lerer*” é traduzido como “professor”, no livro indicado. A palavra “*mlomed*”, originária de “*melamed*”, em hebraico, também é usada para dizer “professor”, em ídiche. Usualmente, no ídiche o sujeito antecede o verbo (ação).

No hebraico moderno o pronome pessoal reto e o substantivo antecedem o verbo. Vale lembrar novamente que os pronomes pessoais retos são incorporados como prefixo do verbo no futuro e como sufixo do verbo no passado. Os verbos hebraicos conjugados no presente se diferenciam entre singular e plural, masculino e feminino.

(1) יוסף שותה מים. (2) הבנות הגדולות לומדות לרקוד.

Transliteração: 1) *Iosef chotê maim.* 2) *Habanot hagdolot lomodot lirkod.*

Tradução: 1) José **bebe** água. 2) As meninas (as)grandes **aprendem** dançar.

A ordem das palavras nas duas frases em hebraico e no português é semelhante. As diferenças estão na conjugação dos artigos como preposições. As frases acima são afirmativas, e para se tornarem interrogativas no hebraico e no português, assim como no grego, o locutor enfatiza a interrogação na maneira que pronuncia a frase.

O Hebraico e o Árabe

O árabe é o idioma nacional de vários países da extensa região em que eram faladas várias línguas da família camito-semíticas, do bérbere e do árabe ao hebraico, do Oceano Atlântico ao Oceano Índico. Existem pequenas variações no alfabeto árabe em diferentes países, como no Egito e na Síria. O idioma da Pérsia (Irã) é farsi apesar de utilizar o alfabeto árabe. No árabe escrito, os verbos antecedem o sujeito, assim como no hebraico bíblico.

يشرب يوسف عصير البرتقال. تعلم بنات الرقص.

Transliteração: *Iachrab Iusuf assir albertucal. Talm bnát alraks.*

Tradução: **Bebe** Iusef suco delaranja. **Apren**dem filhas adançar.

As diferenças entre o árabe de cada país perpassam as pequenas variações de alfabeto. O árabe no continente africano – na Tunísia, por exemplo –, é mais próximo do árabe medieval do Corão, enquanto que o árabe sírio atual assemelha-se mais ao aramaico e ao hebraico moderno.

No árabe, os verbos são conjugados de modo que o pronome pessoal reto se torne prefixo no presente e sufixo no passado. No futuro o verbo recebe a letra “sá” antes de sua forma conjugada no presente. Contudo, no árabe coloquial, os verbos no presente são simplificados e recebem menos conjugações e, assim como no hebraico, um nome (substantivo próprio) não recebe artigo definido.

Os artigos indefinidos “um” e “uma”, no português – por exemplo, “uma casa” (casa indefinida) –, se traduzidos literalmente ao hebraico ou árabe, serão confundidos com

representação de quantidade (número natural). Os artigos dos substantivos simples e compostos no hebraico moderno se assemelham mais ao hebraico bíblico do que o árabe.

O árabe emprega o artigo “*al*” como prefixo. No hebraico bíblico, “*al*” é artigo, preposição ou conjunção que antecede o substantivo, e não prefixo. Esse artigo árabe pode ser reconhecido em palavras árabes apropriadas pelo espanhol e português. Apesar do artigo em árabe ser escrito como prefixo do substantivo, a letra “*l*” não é pronunciada quando antecede uma letra pronunciada nos dentes, por exemplo: escreve-se “*alçucar*”, mas pronuncia-se “açúcar”. Quando a primeira letra do substantivo não for dental, pronuncia-se o artigo completo como prefixo do substantivo, como é o caso de “alfaiate”, “alcaçuz” e “alambique”. No árabe, não existem as vogais “o” e “e”. Consoantes sem pontuação podem ser acompanhadas pelo som da vogal “e”, e o som da vogal “o” é uma variação da vogal “a” com pronúncia fechada.

Em hebraico, existe a preposição “*al*” escrita com letras equivalentes ao artigo em árabe. A palavra não é anexada como prefixo de outras, mas usada como conjunção de concordância entre duas palavras, como exemplifica: “falou para (a) Moisés”. O estudante do hebraico deve ficar atento ao fato de que as conjunções de concordância do hebraico (*milot ihas*) não encontram necessariamente equivalentes no português. Por exemplo, em hebraico “o homem usa nacaneta”, que implica “no uso”. A tradução para o português é “o homem usa a caneta”. A tradução para “na caneta” descontextualiza o sentido da sentença.

O hebraico moderno é mais próximo do hebraico bíblico na conjugação dos verbos. O árabe é mais próximo do hebraico bíblico na colocação do verbo na sentença.

Uma norma lógica é a de que, quando a conjugação de um verbo incorpora o pronome pessoal reto, o sujeito pode ser oculto, isto é, não é necessário escrevê-lo na sentença. No hebraico, o pronome pessoal reto é posto antes do verbo, enquanto no árabe escrito aprende-se que o pronome pessoal reto é oculto (já está incorporado ao verbo em todas as conjugações).

Já no árabe coloquial, em algumas regiões a simplificação da conjugação dos verbos no presente faz com que o uso do pronome pessoal seja necessário para definir o sujeito. Então, assim como no hebraico, o locutor indica o indivíduo ou o pronome pessoal reto (sujeito) antes de sua ação no presente. Portanto, o verbo antecede o sujeito (substantivo simples, composto ou próprio) na sentença tanto no hebraico bíblico quanto no árabe. Nos textos hebraicos das tradições orais israelitas do século II da era comum, constata-se que o sujeito passa a anteceder o verbo, como em idiomas ocidentais.

A organização das palavras em um período em grego, hebraico e árabe segue um mesmo padrão quanto à relação entre os pronomes e os verbos: no grego, o padrão é que os verbos apareçam sem o pronome pessoal (a conjugação define a pessoa). Assim, quando aparece um pronome pessoal reto junto ao verbo é para dar ênfase ao sujeito. Essa regra é válida nas situações equivalentes em hebraico, árabe e em outros idiomas ocidentais~, quando o pronome pessoal pode ser identificado.

Tanto no hebraico quanto no árabe, no grego e no português moderno entende-se que uma frase é interrogativa pela entoação de suas palavras, e, graficamente, pelo ponto de interrogação (o símbolo “?” no hebraico moderno, grego e português) no final da frase (simbolizado no árabe por ؟). Interessante constatar que, no espanhol, pontua-se uma sentença interrogativa e exclamativa tanto no começo, com a pontuação invertida, quanto no final (“¿–?” e “¡–!”).

Hebraico, Árabe, Português e Inglês

Coloca-se o verbo (ação) em uma frase em inglês depois do seu sujeito, assim como no português. A conjugação dos verbos em inglês é completamente diferente da conjugação dos verbos nos idiomas camito-semíticos e de línguas latinas.

As partículas temporais de marcação do presente, futuro e passado (“do”, “did” e “will”) do inglês não existem nos idiomas previamente citados, e a partícula condicional (“would”), semelhante às partículas temporais, mereceria avaliação em separado. Não é relevante explicar as conjugações de verbos regulares ou irregulares em inglês neste trabalho, todavia, vale a pena lembrar que os verbos em inglês “ser/estar” (“to be”); “ter” (“to have”); “poder” (“can”); “poder/permitir” (“may”); “ter/dever” (“shall”) ou “deveria” (“should”) antecipam o sujeito em frases interrogativas.

Não existe no português, italiano e inglês a diferença de gênero masculino e feminino na conjugação de verbos que definem uma ação ativa. No hebraico e no árabe, essa diferença existe em todos os tempos, com exceção da primeira pessoa no futuro e no passado.

No inglês, o adjetivo necessariamente antecede o **sujeito** (substantivo simples ou substantivo composto). O adjetivo não antecede o sujeito quando se trata de um pronome pessoal reto ou um substantivo próprio. Por exemplo: *Good boy, beautiful girl; He is good, she is beautiful; JOHN is good, MARY is beautiful*. Na sentença, o adjetivo encontra-se

sublinhado, o substantivo em negrito, o pronome pessoal reto em itálico e os substantivos próprios em letras maiúsculas.

O hebraico e o árabe não são como o italiano e o português, que permitem algumas circunstâncias em que o adjetivo antecipe o seu substantivo. Por exemplo: menino bom, menina bonita – em hebraico e árabe, os adjetivos devem sempre estar depois de seus substantivos. Já no italiano e no português, existem as expressões “bom rapaz”, “bela menina”, etc. em que qualidades precedem o seu substantivo. No inglês, o adjetivo antecede o substantivo comum: um *grande livro* é um *livro grande*. No exemplo, o adjetivo “grande” não assume conotação de “bom” ou “famoso”, como ocorre em português. A característica que qualifica o substantivo comum o antecede. O adjetivo não antecede um pronome ou substantivo próprio, mas antecede o substantivo próprio se a qualidade tiver alguma conotação especial.

Considerações finais

É presunção justificar a posição das palavras em sentenças em diferentes idiomas de acordo com nossa interpretação de suas culturas e sociedades. Os idiomas se formam e se transformam devido ao desenvolvimento de suas sociedades, de suas regiões e pelas trocas geradas pela migração de suas populações e valores culturais.

Este artigo não abordou idiomas que se sustentam em linguagens iconográficas orientais, mas em idiomas que usam diferentes alfabetos oriundos do Oriente Médio e da Europa. Os alfabetos não foram analisados para não se perder o foco sobre a organização das palavras nos períodos, mas vale a pena lembrar que o recorte proposto é pequeno. Por exemplo, não foram examinados o contexto e o texto dos manuscritos bíblicos do Pentateuco redigidos no alfabeto proto-hebreu que se encontram nos pergaminhos dos samaritanos. O alfabeto proto-hebreu é bem diferente do alfabeto hebraico quadrático das escrituras hebraicas e do alfabeto árabe. Neste artigo, o idioma dos samaritanos passou incógnito.

Conclui-se, com o material apresentado neste artigo, que a posição do verbo antes do sujeito (substantivo que causa esta ação) é uma característica literária bíblica hebraica que continua até hoje no árabe escrito. A linguagem da Bíblia Hebraica, então, apresenta, nesta ordem: 1) a ação do feito; 2) quem fez, e 3) para quem. Portanto, a ação é prioridade, o sujeito

(exceto o pronome pessoal reto) é secundário, seguido pelo objeto direto, indireto e períodos subordinados.

No grego, hebraico, árabe e nas línguas romanas o sujeito antecede a sua ação e pode ser oculto quando o seu pronome pessoal reto encontra-se incorporado na conjugação do verbo. O sujeito pode ser oculto em todos os idiomas quando está incorporado na conjugação. Não se pode confundir sujeito indefinido, sujeito inexistente e inversão verbal para forma passiva.

Se “sujeito + verbo + objeto” = “verbo + sujeito + objeto”, o resultado é o mesmo, desconsiderando as conjunções. A diferença na sequência das palavras na frase apresenta a prioridade de cada tipo de palavra na ordem do pensamento e dos valores que representam nos seus idiomas e em seus paradigmas culturais e sociais. Por exemplo, apesar de os personagens da Bíblia Hebraica servirem como referência na narrativa, o verbo anteceder o sujeito (exceto o pronome pessoal reto) é comum em todo o texto repleto de leis, mandamentos e imposições, em que as ações e práticas parecem tornar seus protagonistas secundários.

A apresentação da qualidade (adjetivo) antes do substantivo comum é incompatível à estrutura gramatical do hebraico, em que a qualidade de um substantivo é parte integrante deste substantivo, ou seja, o substantivo é definido pela sua qualidade, que vem apresentada depois dele. A inversão dessa ordem priorizaria a estética, colocando a qualidade do substantivo antes de seu substantivo. Essa estrutura de pensamento revela a ênfase da qualidade de um substantivo em relação ao próprio substantivo. Por exemplo, dá-se prioridade em saber *se é bom* ou *ruim*, *o que* ou *como é* e *como está*, para em seguida se saber *o que é*.

O desenvolvimento das conjugações pelo gênero é instigante na medida em que se percebe a importância de sua diferenciação em idiomas diversos. A não identificação do gênero em um período torna-os equivalentes naquele pequeno recorte, e não reflete a complexidade da realidade social entre homens e mulheres em uma sociedade.

Estudar as transformações dos idiomas no decorrer da história auxilia-nos a entender o desenvolvimento de diferentes identidades culturais. Esse conhecimento é importante tendo em vista que a internet possibilita a criação de redes e comunidades transnacionais, nas quais o idioma é um elemento fundamental na construção da identidade de seus membros e na sua integração em diversos países ao redor do mundo.

Entretanto, deve ficar claro que um idioma não determina as crenças e a destreza do raciocínio individual ou coletivo, sendo um dos elementos que constroem as identidades pós-modernas em constantes transformações conjugadas a outros fatores pessoais, locais e sociais.

Entender o desenvolvimento de diferentes linguagens, idiomas e maneiras de se expressar, escrever e pensar serve de auxílio para entender as diferentes facetas culturais que tecem o contexto da globalização.

Tal conhecimento abre perspectivas para discernir as transformações de identidades linguísticas e paradigmas culturais nos contextos sociais. A transformação das linguagens reflete a história e os valores de suas comunidades, assim como as mudanças em suas causas políticas, religiosas e sociais.

Referências

- BERGER, M. S. *Rabbinic Authority*. Nova York: Oxford: Oxford University Press, 1998.
- ÉTICA DOS PAIS. Sidur Tehilat Hashem. Nova York: Mercaz LeYnyianeyi Hinukh, Kfar Habad. Ano 5763.
- FARIA RANCISCO, E. *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- GOLDWURM, H. *The Rishonim*. 2. ed. revisada e expandida. Mesorah, 2001.
- MAIMONIDES, M. ben M. *Mishneh Torah by Moses Maimonides Book of HaMada*. Jerusalém: Hotzaat Shabse Frankel, 2001.
- _____. *Sêfer HaMitsvot*. Jerusalém: Mosad HaRav Kook, 1990.
- MELAMED, M. M. *A Lei de Moisés Torá*. São Paulo: Sêfer, 2001.
- MISHNÁ: HEBRAICO, TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS. Seder Zerayim: Tratado Berachot. São Paulo: Sêfer, 2013.
- PIOMI, S. ben I. (RABENU SAADIA HAGAON). *HaNivhar beEmunot veDeot*. Tradução de Iosef bkh'r David Kapah. Mehedurat HaHamishit Kriat Ono: Machon Masha. 1999.
- ZUCKER, S. *Idiche: uma introdução ao idioma, literatura e cultura*. São Paulo: Resgate e Memória, 2008.